

## “PARECE QUE” É UMA CONSTRUÇÃO: A CATEGORIA DE INFERÊNCIA EM WA’IKHANA (TUKANO ORIENTAL)

*Bruna Cezario*<sup>1</sup>

*Kristina Balykova*<sup>2</sup>

*Kristine Stenzel*<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas da construção que expressa a categoria de evidencialidade INFERENCIAL na língua Wa’ikhana (Tukano Oriental). A partir dos princípios da Gramática de Construções, discutiremos a relação entre a forma e a função, mostrando que a função semântica da construção não é previsível a partir de suas partes componentes. Entretanto, é possível motivar as propriedades dessa construção ao relacioná-la com outras construções existentes na língua.

**Palavras-chave:** evidencialidade, línguas Tukano Oriental, Gramática de Construções, linguística funcional-cognitiva, tipologia funcional.

### ABSTRACT

This article investigates the syntactic, semantic, and pragmatic properties of the construction that expresses the evidential category of INFERENCE in Wa’ikhana (East Tukano). Using the principles of Construction Grammar, we discuss the relation between form and function, arguing that the semantic function of this construction is not predictable from its component parts. However, it is possible to

1 Bruna Cezario é mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

2 Kristina Balykova é mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

3 Kristine Stenzel é professora associada na Faculdade de Letras e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

motivate the properties of the construction by relating it to other known constructions in the language.

**Keywords:** evidentiality, East Tukanon languages, Construction Grammar, functional-cognitive linguistics, functional typology.

## Introdução

Este artigo discute os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da construção de evidencial INFERENCIAL da língua Wa'ikhana (Tukano Oriental). A evidencialidade é uma categoria gramatical que indica a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD 2004: 3). Em algumas línguas, como as da família Tukano Oriental, essa categoria é obrigatória. Por exemplo, numa sentença da língua Tuyuka como *dliga apé-wi* "[vi que] ele jogou futebol" (BARNES 1984: 257), há um morfema sufixal verbal (em destaque) que indica que o falante viu diretamente o evento declarado. Em Wa'ikhana, há três categorias de evidência expressas por sufixos e apenas um, o INFERENCIAL, consiste em uma construção sintática. Nos exemplos (1) e (2), apresentamos ocorrências do evidencial INFERENCIAL. A construção é composta pelo verbo copular *ihi* marcado pelo sufixo de evidência VISUAL no aspecto perfectivo *-di*<sup>4</sup> e o complemento da cópula, expresso por um verbo nominalizado pelo sufixo *-di*<sup>5</sup>.

(1)<sup>6</sup> *wa'awa'adi ihidinaha*  
*wa'a-wa'a-di ihi-di~daha*  
 ir-ir-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
 '(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).'

(2) *i'yado niini ihidi*  
*i'ya-do ~dii-di ihi-di*

4 Na seção 6, comentaremos sobre a hipótese de que não é apenas o evidencial visual que pode marcar a cópula nessa construção. Essa hipótese é baseada na comparação dos nossos dados com os da língua Kotiria, uma língua da mesma família que o Wa'ikhana. Neste artigo, consideraremos apenas a forma com o evidencial visual perfectivo, uma vez que é a única forma encontrada até agora nos dados de Wa'ikhana.

5 Forma sincronicamente homófona, porém gramaticalmente distinta do evidencial visual perfectivo de 2/3 pessoa *-di*.

6 Os dados são apresentados em formato interlinear com linhas representando: 1. forma ortográfica; 2. forma morfológica subjacente com segmentação (os morfemas inerentemente nasais são precedidos por ~); 3. linha de glosas correspondentes a cada morfema da linha 2 (a lista de abreviações das glosas encontra-se no fim deste artigo); 4. tradução livre. Repare-se que a forma ortográfica pode divergir, em alguns aspectos, da forma morfológica. Morfemas inerentemente nasais e morfemas que, na pronúncia, assimilam o traço nasal de outros morfemas mas cuja forma subjacente não é nasal têm representação ortográfica com consoantes nasais, como [n], enquanto, na forma morfológica, aparecerão suas contrapartes orais subjacentes, como [d]. Dados citados de outros autores podem não conter a forma ortográfica.

‘(Parece que) ele estava comendo.’

A análise aqui desenvolvida descreve a construção de evidencial INFERENCIAL do Wa’ikhana a partir de uma perspectiva construcionista (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT 2001; BYBEE 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE 2013). Goldberg (1995 :4) define *construção* como um pareamento de forma e significado, em que uma ou mais propriedades não são diretamente previsíveis a partir do conhecimento que o falante tem de outras construções da língua.<sup>7</sup> Essa definição se aplica à construção Wa’ikhana analisada neste artigo, pois parece ser impossível prever seu significado apenas a partir dos elementos que a compõem. Além disso, buscaremos demonstrar que os componentes da construção em análise não são arbitrários e sim motivados por outras construções da mesma língua. Desse modo, a presente análise pretende contribuir para os estudos tipológicos das línguas Tukano Orientais, para os estudos da categoria de evidencialidade e para os estudos dos modelos construcionistas.

Antes de apresentar a nossa análise da construção, daremos breves informações sobre o povo e a língua Wa’ikhana na seção 2. Na seção 3, a evidencialidade será definida enquanto um conceito tipológico e, na subseção 3.1, trataremos do sistema evidencial Wa’ikhana. Na seção 4, comentaremos brevemente sobre os princípios da Gramática de Construções e, na seção 5, apresentaremos a metodologia. Descreveremos a forma e a função da construção de evidencial INFERENCIAL no Wa’ikhana na seção 6. Na seção 7, trataremos das construções que motivam a forma e a função da construção em questão em uma “rede de links de herança”. Por fim, na seção 8, apresentaremos as conclusões da análise e questões que ficaram em aberto para análises futuras.

## 2. O povo e a língua Wa’ikhana

O povo Wa’ikhana (também conhecido como Piratapuyo) habita o extremo noroeste brasileiro, na Terra Indígena Alto Rio Negro nas proximidades da fronteira com a Colômbia e nas áreas colombianas contíguas. A população em 2005 era de 1433 indivíduos no território brasileiro (FOIRN<sup>8</sup> 2005) e de 814 indivíduos no território colombiano (DANE<sup>9</sup> 2005).

<sup>7</sup> Goldberg (2006) e os atuais teóricos funcional-cognitivos assumem a possibilidade de existência de construções inteiramente previsíveis – e, portanto, não-idiomáticas –, desde que suas instanciações sejam frequentes o suficiente para que sejam armazenadas como padrões independentes.

<sup>8</sup> Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, AM, Brasil.

<sup>9</sup> Departamento Administrativo Nacional de Estadística, um órgão estatal colombiano.

A língua Wa'ikhana pertence à família Tukano Oriental, tendo a língua Kotiria (também conhecida como Wanano) como sua língua irmã mais próxima. Embora não se saiba o número exato de falantes de Wa'ikhana, avalia-se que a língua está em uma situação de ameaça, devido às mudanças sócio-históricas na região (STENZEL 2005). Entre os fatores que desfavorecem o uso da língua Wa'ikhana pela população étnica, pode-se ressaltar o uso crescente do Tukano — língua da mesma família dominante na sub-região do Uaupés — pelas crianças e jovens e a migração das famílias Wa'ikhana das suas aldeias tradicionais para locais, dentro e fora da Terra Indígena Alto Rio Negro, onde outras línguas predominam.

Do ponto de vista tipológico, a língua Wa'ikhana apresenta a ordem de constituintes Sujeito–Objeto–Verbo (SOV) como a mais recorrente. A cópula verbal *ihi*, assim como os demais verbos, tende a ocupar a posição final na frase. O Wa'ikhana apresenta um sistema de alinhamento nominativo-acusativo, em que os sujeitos dos verbos transitivos e intransitivos não recebem marcação morfológica, enquanto os objetos dos verbos transitivos, quando referenciais, são marcados pelo sufixo *-de* (STENZEL 2008b).

Os verbos finitos no modo *realis*<sup>10</sup> são obrigatoriamente marcados por um sufixo que indica, ao mesmo tempo, a evidencialidade e o aspecto da informação evidencial. Nos sufixos que expressam a evidência visual, também há distinção entre a primeira e a não primeira pessoa do sujeito. Nos sufixos que expressam outros tipos de evidência, a marcação de pessoa é neutralizada. A categoria de evidencialidade no Wa'ikhana será tratada em detalhes na seção 3.1.

O amplo uso de processos de nominalização de complementos verbais na língua Wa'ikhana é também relevante para o presente trabalho. Os sufixos com a função de nominalização de complementos verbais são de dois tipos: 1) há um paradigma de nominalizadores que concordam com o sujeito (*-i* '1/2SGM', *-ko* 1/2SGF' *-do* '3SG', *--da* '1PL', *-e(-ye)* '2/3PL'), usados na maioria das construções com complementos verbais, e 2) há um nominalizador genérico *-di*. Este último é usado na construção de evidência inferencial em análise. Os classificadores também podem exercer a função de nominalização (ver o exemplo 19 na seção 7.1.1).

---

10 Givón (2001) postula que a modalidade pode ser expressa através dos modos *irrealis* e *realis*, os quais são definidos respectivamente como “uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda é um evento hipotético, [e] (...) uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real.” (CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA 2015: 29).

### 3. Evidencialidade

Evidencialidade é uma categoria gramatical, cuja função semântica primária é indicar a fonte da informação contida em uma sentença declarativa (AIKHENVALD 2004: 3). Os evidenciais, portanto, expressam a natureza do acesso sensorial/cognitivo do falante ao evento, sobre o qual se faz uma declaração (MICHAEL 2008: 137). Tipologicamente, as línguas com evidenciais gramaticalizados são raras. Elas constituem apenas um quarto das línguas naturais estudadas até agora. No entanto, sistemas de evidenciais são comuns em línguas das Américas e, principalmente, da Amazônia. Evidenciais são encontrados em línguas das famílias Arawá, Arawak, Carib, Chibcha, Nambiquara, Pano, Quechua, Tukano, Tupi-Guaraní, Nadahup (Vaupés-Japurá Makú), Witoto, Yanomami e Zaparo (STENZEL 2008a: 405-408; AIKHENVALD 2012: 248-278).

Nessas línguas, a natureza da evidência em que uma declaração é baseada deve ser explicitada por meio de um morfema. Em (3) e (4), apresentamos exemplos de evidenciais em duas línguas da família Tukano Oriental (Desano e Tatuyo, respectivamente). As línguas dessa família são conhecidas por terem sistemas de evidenciais bastante complexos. Em (3), o morfema *-ku* se afixa ao radical verbal *i* ‘fazer’, indicando que a fonte de informação é não visual (no exemplo, a ação declarada foi escutada pelo falante). Enquanto, em (4), os morfemas *-jú* e *-pá* indicam que a fonte da informação é indireta e reportada, respectivamente.

#### (3) Desano

*~igi pea tabe-gi i-ku~bi*  
3SGM lenha cortar-3SGM fazer-NVIS-3SGM.IMPERV

‘Ele está cortando lenha.’ (O falante está dentro da casa e pode apenas ouvir a lenha sendo cortada em outro lugar) (traduzido de SILVA 2012: 257)

#### (4) Tatuyo

*ká~jáároka~kúbú-ehá-jú-pá-o*  
apunhalar-cair-ser.imóvel-chegar-INDIR-REP-3SGF

'Ela caiu no chão, imóvel (foi dito, reportado).' (traduzido de STENZEL & GOMEZ-IMBERT 2018: 362)

### 3.1. Evidenciais em Wa'ikhana

Em Wa'ikhana, foram encontradas quatro categorias semânticas de evidencialidade (WALTZ 2012; STENZEL & GOMEZ-IMBERT 2018): VISUAL, PRESUMIDO, REPORTADO e INFERENCIAL. A categoria VISUAL indica que o falante teve acesso visual direto à informação declarada ou experienciou o evento como protagonista. O evidencial PRESUMIDO é usado quando o falante internalizou a informação de alguma forma — quando a informação faz parte do senso comum ou de alguma experiência pessoal prévia. O REPORTADO indica que a informação não é de primeira mão, ou seja, foi dada por outra pessoa. Por último, o INFERENCIAL indica que a informação foi obtida por evidência indireta, feita a partir da observação de resultados do evento ocorrido.

No Wa'ikhana, os evidenciais VISUAL e PRESUMIDO apresentam duas formas: uma no aspecto perfectivo e outra no imperfectivo. Observa-se que, nas línguas Tukano Oriental, o aspecto dos evidenciais se refere ao acesso à informação e não à estrutura temporal interna do evento declarado. Assim, os evidenciais visuais no imperfectivo indicam que o falante ainda tem acesso cognitivo/sensorial ao evento declarado, seja porque está participando da ação, seja porque está experienciando o estado, seja porque está testemunhando o evento diretamente. Já os evidenciais visuais no perfectivo indicam que o falante não tem mais acesso cognitivo/sensorial ao evento que está sendo declarado (STENZEL 2008a: 415-6). Abaixo, apresentamos uma tabela com as formas de evidenciais do Wa'ikhana.

REPORTADO		VISUAL				INFERENCIAL	PRESUMIDO	
		1ª p.		2ª/3ª p.			PFV	IPFV
ESP.	DIF.	PFV	IPFV	PFV	IPFV	<i>-ri ihi-</i>	PFV	IPFV
<i>~yo'ga</i>	<i>~yo'ti / ~yɥgɥ</i>	<i>-i/ɥ<sup>11</sup></i>	<i>-aha</i>	<i>-di</i>	<i>-de/ -re</i>		<i>-aye</i>	<i>-aga</i>

Tabela 1. Evidenciais do Wa'ikhana (adaptado de Stenzel & Gomez-Imbert 2018: 377).

Como se pode observar na Tabela 1, todos os evidenciais do Wa'ikhana são sufixos verbais,

<sup>11</sup> Fonologicamente [i] ou [u], porém representado nos dados com o símbolo <ɥ> para facilitar a leitura e seguir a decisão ortográfica dos Wa'ikhana.

exceto o INFERENCIAL, que consiste em uma construção sintática.

#### 4. A Gramática de Construções

A Gramática de Construções (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT 2001; BYBEE 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE 2013) considera como um princípio básico o fato de as construções, pareamentos de forma e significado, serem as unidades básicas de uma língua (GOLDBERG 1995). Portanto, o conhecimento linguístico do falante consiste em um complexo inventário de construções gramaticais, “contendo milhares de unidades simbólicas (isto é, construções gramaticais) de todos os tipos: de palavras a padrões entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos” (PINHEIRO 2016, *no prelo*). Esse inventário bastante heterogêneo foi chamado de *constructicon* (HOFFMANN & TROUSDALE 2013: 3), uma fusão entre as palavras inglesas *construction* (‘construção’) e *lexicon* (‘léxico’). Conclui-se que essa abordagem refuta uma divisão rígida entre o léxico e a sintaxe. Tal postura fica evidente na seguinte afirmação:

As construções lexicais e as construções sintáticas se diferem na sua complexidade interna, assim como no grau até o qual sua forma fonológica é especificada, mas tanto as construções sintáticas quanto as lexicais constituem, essencialmente, o mesmo tipo da estrutura dos dados representados declarativamente: ambas pareiam a forma e o significado<sup>12</sup>. (GOLDBERG 1995: 7)

A Gramática de Construções também propõe que não há uma distinção entre a semântica e a pragmática. Desse modo, tanto os aspectos semânticos quanto os pragmáticos fazem parte do polo do significado. Croft (2001) propõe que as propriedades das construções sejam divididas em seis, três para o polo da forma, três para o polo do significado, como na figura abaixo.

---

12 No texto original, “Lexical constructions and syntactic constructions differ in internal complexity, and also in the extent to which phonological form is specified, but both lexical and syntactic constructions are essentially the same type of declaratively represented data structure: both pair form with meaning”.

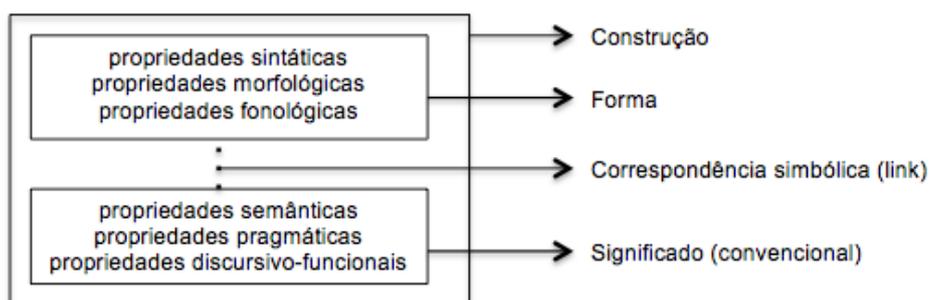


Figura 1. Esquema de uma construção (CROFT 2001: 18)

As construções, portanto, podem ser desde estruturas fonológicas segmentais, como palavras, a padrões sintáticos, como a estrutura Sujeito – Verbo – Objeto (SVO) em português. Desse modo, as construções exibem diferentes graus de preenchimento fonológico. Elas podem ser a) completamente preenchidas, como palavras (ex. “casa”) ou expressões fixas (ex. “maria vai com as outras” ou “boa tarde”); b) parcialmente preenchidas, como esquemas morfológicos (ex. o prefixo *des-* + radical verbal) ou padrões sintáticos semifixos (ex. “dar uma de X”) ou c) podem não ter nenhum preenchimento fonológico, como o próprio padrão SVO ou padrões entoacionais. Além disso, algumas construções apresentam informações semânticas (como “boa tarde”, o prefixo *des-* + radical verbal, SVO) e outras têm especificações pragmáticas (como os padrões entoacionais) no polo do significado. Apesar dessas diferenças, todas as construções são unidades simbólicas.

Os modelos da Gramática das Construções reconhecem que o inventário de construções (*constructicon*) pode ser representado como uma rede taxonômica hierárquica formada por nós, os quais consistem nas construções que compõem o conhecimento linguístico do falante. Essa rede mostra a relação associativa de construções mais abstratas com as mais concretas, por exemplo, ao postularmos uma construção semipreenchida como JOGAR + OBJETO, também postulamos uma construção mais concreta como “jogar bola”. Os modelos construcionistas, portanto, irão representar essas duas construções como interligadas em uma rede taxonômica em que a construção mais concreta “jogar bola” se apresenta como uma especificação da construção mais abstrata JOGAR + OBJETO.

## 5. Metodologia: análise da inferência em narrativas orais da língua Wa'ikhana

Os exemplos considerados nesse artigo provêm de uma análise qualitativa de um *corpus* de dados primários que constam no ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA'IKHANA<sup>13</sup>.

13 Disponível no ELAR (SOAS, University of London) <<https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>> e no

Elegemos trabalhar com três narrativas orais, analisadas e glosadas a partir de um banco de itens lexicais e morfemas gramaticais, que também faz parte do acervo. Uma das narrativas é uma história tradicional de Curupira, a outra é uma narrativa pessoal de um homem que foi buscar caraná (um tipo de planta usada na construção das casas), e a terceira é uma narrativa inventada para explicar como se faz uma canoa. Seleccionamos seis sentenças em que o evidencial INFERENCIAL foi usado. Esse tipo de evidencial é uma categoria marcada na língua, pois a quantidade de suas ocorrências é bem menor do que a de outros evidenciais, como VISUAL ou PRESUMIDO.

Como estamos trabalhando com uma língua cuja descrição gramatical ainda está em curso, para identificarmos os evidenciais, partimos de análises primárias desta língua (WALTZ 2012; STENZEL comunicação pessoal) e análises de línguas parentes, como o Kotiria (STENZEL 2013; STENZEL & GOMEZ-IMBERT 2018). Para analisar as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do evidencial INFERENCIAL, observamos o seu uso em diferentes contextos sintáticos e o comparamos com o uso de outros evidenciais em contextos semelhantes. Uma vez identificadas tais propriedades da construção, descritas nas seções a seguir, usamos os princípios da Gramática de Construções para analisar, descrever e motivar esse evidencial.

## 6. A construção de evidencial INFERENCIAL

### 6.1 A forma

Como mencionado na seção 3.1, o INFERENCIAL é o único evidencial da língua Wa'ikhana que consiste em uma construção sintática, contrastando com evidenciais expressos por sufixos como o REPORTADO *--yugʉ* em (5) e PRESUMIDO *-aye* em (6). No caso dessas categorias, bem como no da categoria VISUAL, o morfema evidencial se afixa diretamente ao verbo principal.

#### (5) Reportado

*tido bukʉdo mʉnʉno yaido ihiñugʉ*  
*ti-do bukʉ-do ~bʉda-do yai-do ihi--yugʉ*  
ANAF-SG velho-SG morto-SG onça/pajé-SG COP-REP

‘O velho era pajé (dizem).’

#### (6) Presumido

---

[Prodoclin \(Museu do Índio\)](#).

*pɯado ihiaɣe tina diedoa tina so'õpɯ*  
*pɯa-do ihiaɣe ti~da die-do-a ti~da ~so'o-pɯ*  
 dois-SG COP-PRES.PFV ANAF-PL cachorro-SG-PL ANAF-PL DEIC:DIST-LOC  
 'Havia dois cachorros, lá no fundo (da canoa).'

Comparamos esses sufixos com a construção de evidência inferencial em (1), repetido aqui como (7). No caso dessa construção, o verbo semanticamente pleno é nominalizado pelo sufixo nominalizador genérico *-di* e funciona como o complemento da cópula *ihi*, que recebe o sufixo do evidencial VISUAL.

(7) *wa'awa'adi ihidinaha*  
*wa'a-wa'a-di ihi-di~daha*  
 ir-ir-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
 '(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).'

A forma da construção pode ser representada como em (8):

(8)  $[V-ri_{NMLZ} [COP-di_{VIS.PFV.2/3}]]_{VP}$

Em todos os dados analisados para o estudo, o evidencial VISUAL afixado à cópula da construção foi o *-di*. É um sufixo cumulativo que, além da informação sobre o tipo de evidência, encerra as informações sobre o aspecto perfectivo do acesso visual ao evento e sobre a 2/3 pessoa do sujeito (ver Tabela 1). Sabemos que, na construção análoga do Kotiria, outros evidenciais visuais (em outro aspecto e pessoa, bem como o evidencial PRESUMIDO no aspecto perfectivo) podem ocupar a mesma posição que o *-di*. Portanto, há a hipótese de que o mesmo ocorra em Wa'ikhana (STENZEL 2018; STENZEL & GOMEZ-IMBERT 2018). De acordo com essa hipótese, poderíamos ter uma construção mais abstrata interligada a (8), na qual no lugar do evidencial *-di* afixado à cópula haveria um slot não preenchido para algum tipo de evidencial não especificado (visual ou presumido), como em  $[V-ri_{NMLZ} [COP-EVIDENCIAL]]_{VP}$ . Neste artigo, porém, apenas nos atemos aos dados encontrados.

De acordo com a análise dos nossos dados, o verbo nominalizado por *-di* pode ser a) um verbo de ação, como *wa'a* 'ir' em (7) acima; b) uma cópula *ihi*, com o complemento expresso por um verbo estativo nominalizado<sup>14</sup>, como em (9), em que os dois elementos foram sublinhados; ou c) o auxiliar

14 Em Wa'ikhana, como em outras línguas Tukano Oriental, há verbos estativos que expressam noções adjetivais (Stenzel 2013: 87-89, 194-195), como a raiz verbal *susu* 'ser oco' no exemplo (9), nominalizada pelo classificador de

progressivo ~*dii*, cujo complemento é um verbo ativo nominalizado, como em (10).

(9) *ũkadu keẽmi 'i susudu ihika 'adi ihiditha*  
~*uka-du*                  ~*kee-~bi'i*                  [*susu-du*]                  *ihika 'a-di*                  *ihidi-tha*]  
um-CLS:cilíndrico          cortar-FRUS.1          ser.oco-                  COP-DUR-NMLZ          COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
CLS:cilíndrico  
'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) foi ocado.'

(10) *i'yado niidi ihidi*  
*i'ya-do*                  ~*dii-di*                  *ihidi*  
comer-SG(NMLZ)          PROG-NMLZ          COP-VIS.PFV.2/3  
'(Parecia que) ele estava comendo.'

## 6.2. Significado/função da construção

O evidencial INFERENCIAL, como apresentado na subseção 6.1, indica que a fonte da informação sobre um evento declarado é uma conclusão a partir de uma constatação visual dos resultados do evento. Portanto, o falante não teve acesso visual *direto* (como participante ou testemunho presencial) ao evento, e sim a seus resultados, que lhe permitem inferir o evento. Por exemplo, a fala em (1), repetido aqui como (11), foi retirada da narrativa sobre o Curupira, em que um personagem pede que o outro vá ao igarapé e vê a pessoa *indo* em direção ao igarapé, mas não a vê *chegando* lá. Desse modo, o narrador usa a construção INFERENCIAL, pois o que ele viu o fez inferir que o outro tenha chegado ao igarapé, mas ele não viu isso acontecer diretamente.

(11) *wa'awa'adi ihidinaha*  
*wa'a-wa'a-di ihidi-~daha*  
ir-ir-NMLZ                  COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
'(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).'

Nos exemplos (9), repetido aqui como (12), e (13) podemos ver bem a diferença entre as categorias INFERENCIAL e VISUAL. Nesse trecho da narrativa sobre o fazer da canoa, o personagem (também o narrador) e seu pai estão derrubando uma árvore para fazer uma canoa, porém a árvore está ocada (ficou podre por dentro ou foi ruída por insetos) e o narrador fala:

---

objetos cilíndricos -*du*.

(12) *ũkadu keẽmi'i susudu ihika'adi ihiditha*  
 ~uka-du ~kee~bi'i susu-du ihika'a-di ihidi-tha  
 um-CLS:cilíndrico cortar-FRUS.1 ser.oco- COP-DUR-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
 CLS:cilíndrico

'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) foi ocado.'

Ele usa o INFERENCIAL por não ter visto diretamente o processo ou a causa que deixou a árvore ocada, mas ele viu ou percebeu algo que o fez concluir este resultado. Já o pai, na fala seguinte, citada em (13), confirma a conclusão, usando um evidencial VISUAL:

(13) *Yo'o maku susudu ihika'ade*  
 Yo'o ~baku susu-du ihika'a-de  
 Olha! filho ser.oco- CLS:cilíndrico COP-DUR-VIS.IPFV.2/3

'Olha, filho, está ocado!'

Em certos contextos, o evidencial PRESUMIDO também pode ter uma interpretação de inferência, por exemplo, em (14), o falante infere/presume que não terá bebida na casa do cunhado. Entretanto, essa declaração não é baseada na observação de algum resultado do evento ocorrido e sim em experiências prévias ou em algo internalizado pelo falante.

(14) *si'niye mabiaedaaga*  
 ~si'di-ye ~badia-eda-aga  
 beber-NMLZ.INDF não.existir-NEG-PRES.IPFV

'Não deve ter bebida (lá).'

Alguns autores, como Palmer (1986) e Givón (1982), afirmam que os evidenciais estão intimamente relacionados ao valor de verdade e à modalidade epistêmica. Já para outros, como Aikhenvald (2003, 2004) e Michael (2008), a evidencialidade é uma categoria gramatical separada da modalidade epistêmica, uma vez que sua semântica básica indica a "fonte de informação". Esses dois últimos autores afirmam que, em algumas línguas, os evidenciais têm uma ligação pragmática com a modalidade epistêmica, entretanto esse seria um valor secundário dos evidenciais (MICHAEL 2008: 70-1). Por exemplo, em (11) acima, é possível considerar uma interpretação de modalização da declaração, uma vez que o falante não tem certeza se o outro personagem chegou de fato ao igarapé. Ele pode ter escolhido usar o INFERENCIAL para não se comprometer com o valor de verdade da afirmação. O mesmo ocorre em (12), pois o falante parece não ter certeza se a árvore está de fato ocada ou não, ao contrário do seu pai, que confirma o fato, usando um evidencial VISUAL em (13).

No entanto, neste artigo, não entraremos no debate sobre a evidencialidade ser ou não uma categoria gramatical separada da modalidade epistêmica. Nosso foco é o valor pragmático da modalidade epistêmica dos evidenciais na língua Wa'ikhana, mais especificamente, o valor pragmático do evidencial INFERENCIAL.

## 7. Buscando motivações

O termo “motivação” foi introduzido na linguística por Saussure com o *Curso de Linguística Geral*, quando o autor discute o exemplo da palavra “dezenove”, afirmando que, apesar de ser formada pelos signos arbitrários “dez” e “nove”, a palavra como um todo é motivada. Para a tradição funcionalista, no entanto, o conceito de motivação está atrelado ao princípio da *iconicidade* (GIVÓN 2001: 34-37), segundo o qual há uma correlação entre forma e função, ou seja, “a estrutura de uma construção gramatical reflete, de algum modo, a estrutura do conceito que ela expressa” (CEZARIO & CUNHA 2013:22).

Para a Gramática de Construções, as construções de uma língua podem ser motivadas por outras construções da mesma língua. Essa relação pode ser representada através de uma rede com links de herança. Nos termos de Goldberg (1995:72), “a construção A motiva a construção B, se a B herda da A”<sup>15</sup>. A seção a seguir apresenta nossa análise das construções que motivam o evidencial INFERENCIAL e das propriedades que foram herdadas pela construção em análise.

### 7.1 Cópula *ihi* e predicado nominal

#### 7.1.1 O polo da forma

Segundo a definição bastante genérica de Pustet (2003: 21), cópula é um elemento linguístico que co-ocorre com certos lexemas quando estes funcionam como núcleos de predicados, lembrando ainda que esses predicados devem ser não verbais. Payne (1997: 115-118) enumera quatro tipos de cópula que ocorrem nas línguas naturais: verbo, pronome, partícula invariável e processo derivacional que verbaliza predicados nominais. Em Wa'ikhana, a cópula pertence ao primeiro tipo, ou seja, faz parte da classe verbal, pois leva os mesmos sufixos que os demais verbos. Entre esses sufixos, nosso

---

15 No texto original, “construction A motivates construction B if B inherits from A”.

principal interesse são os marcadores da evidencialidade, obrigatórios em frases finitas no modo *realis*.

A cópula *ihi* é utilizada com os predicados nominais, sejam seus núcleos nomes não derivados, como *~ku'ba* 'verão' em (15) ou deverbais, como *ye'se-ye--kida* '(seres) brancos', derivado a partir da raiz verbal *ye'se* 'ser branco' por meio do nominalizador de não 1ª pessoa plural *-ye* em (16), ou predicados locativos, como o dêitico *~o'o* 'aqui' em (17). Em regra, a cópula ocupa a última posição dentro da oração.

(15) *tipenaha kama ihidi*

<i>ti-pe--daha</i>	<i>~ku'ba</i>	<i>ihi-di</i>
ANAF-CLS:tempo-ENF	<b>verão</b>	COP-VIS.PFV.2/3

'Essa época era verão'

(16) *apekina ye'seyekina ihiaga*

<i>ape--kida</i>	<i>ye'se-ye--kida</i>	<i>ihi-aga</i>
outro-PL	<b>ser.branco-NMLZ.2/3PL-PL</b>	COP-PRES.IPFV

'Outros (peixes) são (seres) brancos'

(17) *yu'u ð'õ ihaha*

<i>yu'u</i>	<i>~o'o</i>	<i>ihi-ha</i>
1SG	<b>DEIC.PROX</b>	COP-VIS.IPFV.1

'Eu moro aqui' (Lit.: 'Eu sou aqui')

Na construção de evidencial INFERENCIAL em análise, a cópula *ihi* acompanha sempre um nome deverbal formado por meio do nominalizador *-di*. No entanto, enquanto o deverbal em (16) deriva um nominal 'ente', o deverbal *wa'a-wa'a-di* em (1), repetido aqui como (18), parece mais derivar um nominal 'evento', a saber 'ida longe'.

(18) *wa'awa'adi ihidinaha*

*wa'a-wa'a-di*                      *ihi-di~daha*  
 ir-ir-NMLZ                          COP-VIS.PFV.2/3-ENF  
 '(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).' (Lit.: 'A ida longe foi/houve')

Em alguns casos, o verbo a ser nominalizado pelo sufixo *-di* é mais uma cópula *ihi* ou algum outro verbo de ligação, que, por sua vez, possui como complemento um verbo estativo nominalizado. Trata-se, portanto, de predicados nominais compostos. Em (9), repetido aqui como (19), a cópula nominalizada pelo *-di* tem como complemento a raiz estativa verbal *susu* 'oco' nominalizada, por sua vez, pelo classificador *-du*, que marca os objetos no formato cilíndrico, nesse caso, um tronco de árvore. Já em (20), a raiz verbal nominalizada pelo *-di* é *duku* 'estar em pé', e seu complemento é a derivação indicando um 'ser com raiva' a partir da raiz nominal *usua* 'raiva' + atributivo *-ti* + *-(wa')a* 'ir', indicando mudança de estado. Essa derivação é marcada pelo sufixo nominal de 3ª pessoa singular *-do*. Vale notar que, nos casos como (19) e (20), o escopo da inferência não está no verbo nominalizado pelo *-di* e sim no seu complemento, um verbo estativo nominalizado. Em outras palavras, no (19), a inferência se faz sobre a árvore estar oca, e no (20), sobre a pessoa em questão estar brava (e não sobre ela estar em pé).

(19) *ũkadu keẽmi'i susudu ihika'adi ihiditha*

<i>~uka-du</i>	<i>~kee~bi'i</i>	<i>susu-du</i>	<i>ihi-ka'a-di</i>	<i>ihi-di-tha</i>
um-CLS:cilíndrico	cortar-FRUS.1	ser.oco- CLS:cilíndrico	COP-DUR-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3-ENF

'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) estava ocado.'

(20) *tido mu'ũ ba'ũ usuatiadido dukuka'adi ihidi'i phetama'anaha*

<i>ti-do</i>	<i>~bu'ũ</i>	<i>ba'ũ</i>	<i>[usua-ti-a-di-do</i>
ANAF-SG	2SG.POSS	irmão.mais.novo	raiva-ATTRIB-ir-NMLZ-SG

<i>duku-ka'a-di</i>	<i>ihi-di]</i>	<i>pheta~ba'a~daha</i>
estar.em.pé-DUR-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3	porto-caminho-ENF

'Seu irmão estava em pé, (aparentemente) muito bravo, no caminho do porto'

### 7.1.2 Polo do significado

Estudiosos como Hengeveld (1992) e Pustet (2003) argumentam que a falta de conteúdo

semântico constitui a principal característica da cópula. Para o primeiro autor, a cópula não contribui para o significado da frase, mas funciona como um suporte sintático, pois “a cópula possibilita que um predicado não verbal aja como o predicado principal nas línguas e nas circunstâncias em que esse predicado não verbal, por si só, não poderia exercer essa função”<sup>16</sup> (HENGEVELD 1992: 32). Assim, no Wa'ikhana, a cópula *ih* funciona como um verbo auxiliar, que recebe os sufixos de evidencialidade e, eventualmente, outros marcadores de finitude verbal que não podem ocorrer junto ao predicado não verbal. Já para Pustet (2003:181), a principal função da cópula é a de contribuir para a complexidade estrutural dos predicados nominais, tornando-os mais marcados em comparação com os predicados verbais.

Dessa maneira, concluímos que o que motiva *semanticamente* a construção de evidencial INFERENCIAL não é a cópula em si, mas o predicado nominal como um todo. Para sustentar tal conclusão, devemos identificar qual parte do significado do predicado nominal contribui para motivar o significado maior da construção em análise. Em seguida, argumentaremos que essa parte do significado provém da função atributiva (*ascriptive function*) do predicado nominal.

Hengeveld (1992) distingue três tipos de predicação não verbal: predicações atributivas (*ascriptive predications*), existenciais (*existential predications*) e equacionais (*equative predications*). Os predicados na função atributiva (*ascriptive function*) “constroem uma imagem de uma entidade, por ex., um indivíduo ou situação, atribuindo alguma propriedade, no sentido mais amplo possível, a aquela entidade”<sup>17</sup> (HENGEVELD 1992: 103)<sup>18</sup>. Já segundo Pustet (2003), a distinção básica é entre predicados identificacionais (*identificational*) e atributivos (*ascriptive*). Enquanto os referentes extralinguísticos dos primeiros são únicos no universo do discurso, os dos atributivos não o são. O predicado atributivo (*ascriptive predicate*) “meramente predica um dado estado de existência”<sup>19</sup> (PUSTET 2003: 45).

---

16 No texto original, “A copula enables a non-verbal predicate to act as a main predicate in those languages and under those circumstances in which this non-verbal predicate could not fulfil this function on its own”.

17 No texto original, “build up a picture of some entity, e.g. an individual or a situation, by ascribing some property, taken in the widest possible sense of the word, to that entity”.

18 As predicações existenciais, por sua vez, constituem um subtipo das atributivas. Sua função primária é atribuir a existência (e não uma propriedade concreta) ao referente do argumento. As predicações equacionais se distinguem das atributivas por se basearem em predicados que têm algum uso *referencial* não predicativo (Hengeveld 1992: 105). Assim, em uma frase como *João é bonito*, a predicação é atributiva, pois *bonito* não pode ser usado referencialmente: *\*Bonito esteve aqui*. Já na frase *João é um homem bonito*, temos uma predicação equacional, pois *um homem bonito* pode ser usado referencialmente: *Um homem bonito esteve aqui*.

19 No texto original, “merely predicates a certain state of affairs”.

Assim, podemos concluir que os predicados não verbais na função atributiva descrevem entidades, inclusive situações, focando em alguma das suas propriedades. Consideramos que essa também é a função do predicado nominal dentro da construção de evidencial INFERENCIAL no Wa'ikhana.

Stenzel (2013: 285), ao analisar a construção análoga no Kotiria, aponta que esta tem como o foco não a ação, mas os seus resultados ou o estado que resulta da ação. Isso se justifica pelo fato de que, no momento da inferência, a ação em si já não é mais observável, mas apenas dedutível a partir das evidências deixadas. Esses vestígios da ação realizada formam uma cena *estática* observada pelo autor da inferência. Assim, quando uma pessoa encontra restos de comida e pronuncia a frase (21), ela está deduzindo que “houve um ato de comer” e esta suposição funciona como uma descrição da cena.

(21)  $y\text{u}'\text{u}$  *pano ihiyee i'yaka'adi ihidi'i*

$y\text{u}'\text{u}$	~ <i>pado</i>	<i>ihy-yee</i>	<i>i'ya-ka'a-di</i>	<i>ihy-di</i>
1SG	fazer.antes	COP-PL.INDF	comer-DUR-NMLZ	COP-VIS.PFV2/3

‘Alguém (aparentemente) comeu antes de mim’.

Dado seu caráter estático, a cena é codificada linguisticamente não por um predicado verbal, que tende mais a expressar processos dinâmicos, mas sim por um predicado nominal na sua função atributiva (*ascriptive function*). Essa diferença também é captada pela distinção entre “situações dinâmicas” e “estados”, proposta por Dahl (1985: 28-29). As situações dinâmicas envolvem algum tipo de mudança e movimento, e as construções linguísticas correspondentes, geralmente, apresentam um verbo pleno como seu núcleo. Já as construções estativas tendem a envolver “nomes ou adjetivos na função predicativa, com ou sem uma cópula funcionando como núcleo vazio da frase predicativa”<sup>20</sup> (DAHL 1985: 28).

### 7.1.3 O problema do sufixo nominalizador *-di*

O nominalizador *-di* possui um caráter genérico, não trazendo informações sobre a pessoa, o gênero e o número do referente. Segundo Stenzel (2013:130), no Kotiria, o sufixo cognato *-ri* é

<sup>20</sup> No trecho original, “nouns or adjectives in predicative function, with or without a copula functioning as the dummy head of the predicate phrase”.

acrescido a raízes verbais para a derivação dos nomes *animados*. Após o acréscimo do *-ri*, o radical nominal resultante recebe a morfologia de classificação nominal (os sufixos que marcam o gênero e o número do referente). No Wa'ikhana, o mesmo processo é bastante recorrente, tanto em derivações a partir de verbos de semântica ativa, como *baka-i'ya-di-kido* 'o que procura comida' em (22), quanto em derivações com semântica estativa, por exemplo, *pahi-di-kido* 'o grande' em (23).

(22) *tikido peopu makai'yadikido ihide*

*ti-kido* *peo-pu*                      *~baka-i'ya-di-kido*                      *ihide*

ANF-SG    cachoeira-LOC    procurar-comer-NMLZ-SG    COP-VIS.IPFV2/3

'Ele (peixe pacu) procura comida na cachoeira' (Ou: 'Ele é quem procura [o que] comer na cachoeira')

(23) *semebe'e pahidikido wakua ku'ode*

*~sebe-be'e*                      *pahi-di-kido*                      *wakua*                      *ku'o-de*

paca-tucunaré                      ser.grande-NMLZ-SG    calombo                      ter-VIS.IPFV2/3

'Tucunaré paca é grande e tem calombo'

No entanto, na construção de evidencial INFERENCIAL, a raiz verbal nominalizada pelo *-di* não recebe nenhum outro sufixo nominal. Fora essa construção, o uso dos radicais nominais derivados pelo *-di* sem o acréscimo de sufixos nominais não parece ser muito frequente no Wa'ikhana, mas alguns exemplos podem ser encontrados, como vemos em (24) e (25).

(24) *ke'noaydu'adi muhsa puasuaaye*

*~ke'doa-yu'du-a-di*                      *~busa*    *pua-sua-aye*

ser.bom-INTENS-ir-NMLZ    2PL    jogar.timbo-costumar.fazer-ASSERT.PFV

'Onde vocês costumam jogar timbo está/ficou muito bom.'

(25) *yu'u yo'yedi wa'awu'ta nii*

*yu'u*    *yo'ye-di*                      *wa'a-wu'ta*    *~dii*

1SG    pescar-NMLZ    ir-INTENT    dizer

'"Eu vou pescar, disse"'

Stenzel (2013:284-285) sugere que, na construção de evidencial INFERENCIAL do Kotiria, o uso do nominalizador genérico *-ri* "é consistente com a semântica da categoria de inferência, na qual o foco está em um estado resultante ou nos resultados de uma ação realizada por um agente

não identificável ou não recuperável”<sup>21</sup>. Dessa maneira, dada a indeterminação do agente, o nome deverbal não recebe sufixos nominais. Essa explicação dá conta dos casos como (21), repetido aqui como (26), em que não se sabe quem realizou a ação. Já, nos casos como (1), repetido aqui como (27), o agente da ação é conhecido, porém, mesmo assim, o nome deverbal não leva sufixos de gênero e número. Podemos supor, no entanto, que o nome deverbal derivado pelo *-di* não se refere ao agente da ação e sim à ação em si. Portanto, em (25), *i'ya-ka'a-di* poderia ser traduzido como “ato de comer”, enquanto *wa'a-wa'a-di*, em (26), seria traduzido como “ida”. Dessa maneira, os nomes deverbais em questão não receberiam sufixos de gênero e número por não se referirem a seres vivos e sim a ações realizadas por esses seres.

(26) *yɯ'ɯ pano ihiyee i'yaka'adi ihidi'i*

*yɯ'ɯ*      *~pado*      *ihy-yee*      *i'ya-ka'a-di*      *ihy-di*  
 1SG      fazer.antes      COP-PL.INDF      comer-DUR-NMLZ      COP-VIS.PFV2/3

‘Alguém, aparentemente, comeu antes de mim’ (Lit. ‘aparentemente, houve um ato de comer de alguém antes de mim’)

(27) *wa'awa'adi ihidinaha*

*wa'a-wa'a-di*      *ihy-di-~daha*  
 ir-ir-NMLZ      COP-VIS.PFV.2/3-ENF

‘(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé)’ (Lit. ‘Parece que há/houve a ida longe’)

Um dos nossos objetivos futuros será o de identificar outras construções do Wa'ikhana em que o nominalizador *-di* não é seguido por sufixos nominais e descobrir se essas construções motivam a de evidencial INFERENCIAL.

## 7.2 O evidencial VISUAL na construção de inferência

De acordo com os dados apresentados, na construção de INFERENCIAL, a cópula recebe um sufixo de evidencial VISUAL (categoria *default*). A princípio, o uso de um marcador VISUAL nessa construção pode parecer arbitrário ou até paradoxal. Entretanto, ao observarmos a construção de evidencial VISUAL, podemos ver que ela motiva tanto a forma quanto a função da construção de

21 No texto original, “is consistent with the semantics of the inference category, in which focus is on a resultant state or on the results of an action performed by an unidentifiable or unrecoverable agent”.

evidência INFERENCIAL. Observemos a descrição da construção de evidencial VISUAL:

I. Forma: [V-VISUAL]

II. Função/Significado:

- Indicar que o modo de acesso sensorial/cognitivo ao evento em questão é visual (ou experienciado diretamente pelo falante).
- Indicar que a fonte de informação é externa.

Como, em todos os casos de INFERENCIAL encontrados, o evidencial VISUAL marca também o aspecto perfectivo do acesso ao evento e a 2/3 pessoa do sujeito, vamos considerar a seguinte construção mais concreta:

I. Forma: [V-*di*<sub>VIS.PFV.2/3</sub>]

II. Função/Significado:

- Indicar que o modo de acesso sensorial/cognitivo ao evento em questão é visual.
- Indicar que a fonte de informação é externa.
- Indicar que a fonte de informação do evento declarado não está mais disponível ao falante (aspecto *perfectivo*, ver seção 1.2).
- Indicar 2/3 pessoa do sujeito.

Podemos ver que o evidencial VISUAL perfectivo motiva não somente a forma do INFERENCIAL, mas também parte de seu significado. Por exemplo, o modo de acesso cognitivo/sensorial do falante no evidencial INFERENCIAL também é *visual*, porém não é direto ao evento em questão, e sim ao(s) resultado(s) do evento. No mais, a fonte de informação no INFERENCIAL é sempre externa, assim como no VISUAL. Além disso, na construção em análise, o aspecto *perfectivo* do sufixo VISUAL indica que, no momento da fala, o falante não tem mais acesso ao(s) resultado(s) do evento que o fez (fizeram)

inferir o evento declarado.

### 7.3 Rede com links de herança da construção de INFERENCIAL em Wa'ikhana

Considerando as duas construções que motivam a construção INFERENCIAL em Wa'ikhana, podemos representar essa construção em uma rede de links de herança (*inheritance hierarchy*), usada pela Gramática de Construções para capturar a motivação (GOLDBERG 1995: 72). A construção INFERENCIAL, na rede, é o nóduo filho das duas outras construções, das quais ela herda parte da forma e do significado. Essas duas construções são os nóduos mães. De acordo com Goldberg & Auwera (2012: 121), “a existência do nóduo mãe motiva o nóduo filho, fazendo com que este tenha maior chance de se desenvolver e, presumidamente, seja mais fácil de ser adquirido e usado”<sup>22</sup>.

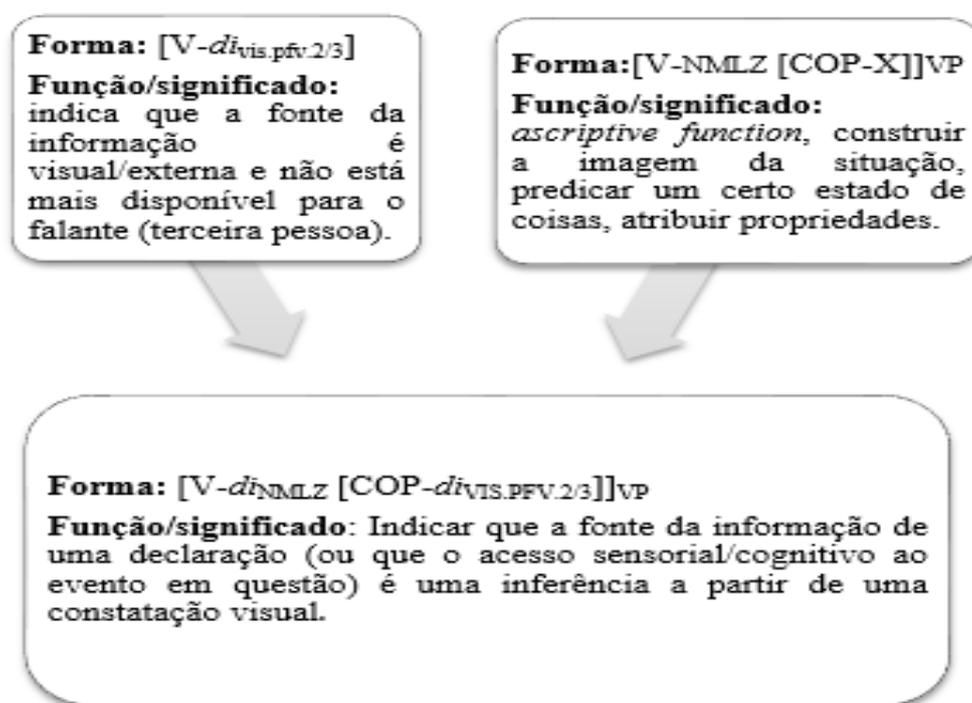


Figura 2. Construções que motivam as propriedades da construção evidencial INFERENCIAL.

Na Figura 2, portanto, temos como nóduos mães (i) a construção de evidencial VISUAL [V-*di*<sub>vis.pfv.2/3</sub>] e (ii) a construção de predicado nominal, expresso por um verbo nominalizado seguido de cópula [V-NMLZ [COP-X]]VP, e como o nóduo filho, o evidencial INFERENCIAL. A função desse evidencial não pode ser prevista se olharmos apenas para a sua forma. Porém, observando a rede de links de

22 No texto original, “the existence of the mother nodes motivates the daughter node, making it more likely to exist and presumably easier to learn and use”.

herança pudemos constatar que a relação entre a forma e a função desse evidencial não é arbitrária, uma vez que a construção herda propriedades tanto formais quanto semântico-pragmáticas de outras construções.

## Considerações finais

A inferência é a única categoria de evidência no Wa'ikhana expressa não por um sufixo, mas por uma construção sintática. Essa construção consiste da cópula *ihi* com o sufixo *-di* (marcador da evidência visual, aspecto perfectivo e não primeira pessoa do sujeito) e do complemento da cópula, que, necessariamente, envolve um verbo nominalizado pelo sufixo *-di*. Dessa maneira, a forma da construção pode ser descrita como  $[V-di_{NMLZ} [COP-di_{VIS.PFV.2/3}]]_{VP}$ .

Por um lado, a interpretação do significado como sendo o de "inferência" não é previsível a partir dos elementos componentes da construção analisada. Por outro, argumentamos que tal interpretação é motivada por outras construções da língua Wa'ikhana. Assim, o uso do sufixo que marca a evidência visual e o aspecto perfectivo se justifica por (i) o modo de acesso à cena estática observada ter sido visual e (ii) a cena estática observada não estar mais disponível na hora de enunciação, o que acarreta o uso do aspecto perfectivo. A cópula *ihi*, por si só, não motiva semanticamente a construção. No entanto, o predicado nominal como um todo, ou seja, a cópula e seu complemento (verbo nominalizado) contribuem para o polo de significado da construção por meio da função atributiva (*ascriptive function*). Enquanto os predicados verbais são utilizados para descrever as cenas dinâmicas, os nominais descrevem as cenas estáticas. Visto que a inferência se faz com base na observação dos vestígios ou resultados de uma ação e não com base na ação em si, o predicado nominal é condizente com o caráter estático da cena observada.

Nos próximos passos desta análise, investigaremos possíveis motivações para o uso do nominalizador *-di* na construção de evidencial INFERENCIAL. Além disso, pretendemos ampliar o nosso *corpus* para verificar a hipótese de existirem casos em que o *slot* do marcador da evidência visual, aspecto perfectivo e não primeira pessoa *-di* seja ocupado por outro sufixo, como ocorre em Kotiria, em que essa posição também pode ser ocupada por outro tipo de evidencial VISUAL – no aspecto imperfectivo ou em outra pessoa – ou por um evidencial PRESUMIDO.

## LISTA DE ABREVIACÕES PARA GLOSAS

1 primeira pessoa	DEIC dêitico	INTENT intencional	PRES (evidencial) presumido
2 segunda pessoa	DIST distal	IPFV/IMPERV imperfeito	PROG progressivo
3 terceira pessoa	DUR durativo	LOC locativo	PROX próximo
ANAF anafórico	ENF ênfase	NEG negação	REP (evidencial) reportado
ASSERT assertivo	FRUS frustrativo	NMLZ nominalizador	SG singular
ATTRIB atributivo	INDF indefinido	NVIS (evidencial) não visual	SGF singular feminino
CLS classificador	INDIR indireto	PFV perfectivo	VIS (evidencial) visual
COM comitativo	INS instrumental	PL plural	
COP cópula	INTENS intensificador	POSS possessivo	

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. (2003). Evidentiality in typological perspective. *Studies in evidentiality*. A. Y. Aikhenvald e R. M. W. Dixon (eds.), 1–31. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

AIKHENVALD, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Nova York: Oxford University Press Inc.

AIKHENVALD, A. Y. (2012). *The Languages of the Amazon*. Oxford: Oxford University Press.

BARNES, J. (1984). Evidentials in the Tuyuca Verb. *International Journal of American Linguistics* 50(3), 255-71.

BYBEE, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press

CEZARIO, M. M. & CUNHA, M. A. F. (2013). *Linguística Centrada no Uso*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.

CROFT, W. (2001). *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). (2015). *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.

DAHL, Ö. (1985). *Tense and Aspect Systems*. Oxford: Basil Blackwell.

GIVÓN, T. (1982). Evidentiality and epistemic space. *Studies in Language*, 6(1), 23–49.

GIVÓN, T. (2001) *Syntax*. An Introduction. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins.

GOLDBERG, A. E. (1995) *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press.

GOLDBERG, A. (2006) *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: Cambridge University Press.

GOLDBERG, A. E & AUWERA, J. (2012) This is to count as a construction. *Folia Linguistica*, 46/1, 109-132.

HENGEVELD, K. (1992). *Non-Verbal Predication*. Berlim/Nova Iorque: De Gruyter Mouton.

HOFFMANN, T. & TROUSDALE, G. (2013). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press.

MICHAEL, L. (2008). *Nanti evidential practice: Language, knowledge, and social action in an Amazonian society*. Tese de Doutorado, University of Texas at Austin.

PALMER, F. R. (1986). *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.

PAYNE, T. E. (1997). *Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguists*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

PINHEIRO, D. (2016, *no prelo*). Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. P. T. Alvaro e L. Ferrari (orgs.). Campos: Brasil Multicultural.

PUSTET, R. (2003). *Copulas: Universals in the Categorization of the Lexicon*. Nova Iorque: Oxford University Press.

SILVA, W. (2012). *A descriptive grammar of Desano*. Tese de Doutorado, University of Utah.

STENZEL, K. (2005). *Multilingualism in the Northwest Amazon, Revisited*. Annals of the II Congress on Indigenous Languages of Latin America (CILLA).

STENZEL, K. (2008a) Evidentials and Clause Modality in Wanano. *Studies in Language* 32( 2), 404–444.

STENZEL, K. (2008b). Kotiria ‘differential object marking’ in cross-linguistic perspective. *Amerindia* 32, 154-181.

STENZEL, K. (2013). *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press.

STENZEL, K. & GOMEZ-IMBERT, E. (2018) Evidentiality in Tukanoan languages. *The Oxford Handbook of Evidentiality*. A. Y. Aikhenvald (ed.), 357-387. Oxford: Oxford University Press.

STENZEL, K. (2018). Embedding as a building block of evidential categories in Kotiria (Eastern Tukanoan). *Recursion across domains*. L. Amaral, M. Maia, A. Nevins, e T. Roper (eds.). 68-85 Cambridge: Cambridge University Press. TRAUGOUTT, E. C. & TROUSDALE, G. (2013). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

WALTZ, N. E. (2012). *Diccionario Bilingüe – Piratapuyo-Español Español-Piratapuyo*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.